

X espíritas, que o haviam transformado num firme crente no contato com os mortos. Wallace (1823-1913), embora mergulhado no materialismo científico do século XIX, encontrou uma fé neo-religiosa na evidência clara fornecida pelo espiritualismo. Ele contou à sua audiência de São Francisco:

“Eu tinha um irmão com quem passei sete anos, no começo da minha vida. Ele morreu há mais de quarenta anos. Este irmão, antes de eu morar em sua companhia, tinha um amigo em Londres cujo nome era William Martin. Eu não sabia que o seu prenome era William, porque meu irmão sempre falava dele como Martin; nada mais eu sabia além disso. Mas o meu irmão já está morto há quarenta e quatro anos e eu posso dizer que o nome de Martin nunca, de modo algum, veio à minha mente creio que durante os últimos vinte anos.

“O outro dia, quando eu estava em Washington assistindo a algumas sessões ali, onde pessoas recebiam mensagens escritas num papel, eu recebi, para meu grande espanto, uma mensagem neste estilo: ‘Eu sou William Martin; escrevo em nome do meu velho amigo William Wallace, para dizer-lhe que, em outra ocasião e quando puder, ele se comunicará com você.’

“Estou absolutamente convicto de que somente outra pessoa, na América, conhecia o nome do meu irmão ou sabia das relações entre ele e Martin, e essa pessoa era meu irmão [John], aqui na Califórnia. Estou absolutamente certo de que ninguém mais, no Este, poderia ter a possibilidade de ter conhecido tanto um nome quanto outro. Portanto, parece-me que esta foi uma das mais extraordinárias provas de identidade.”

A conversão de Wallace, do ceticismo quanto aos fenômenos psíquicos para uma fervorosa aprovação do espiritualismo, não foi fácil. Ele escreveu que: “Todas as minhas concepções, todo o meu conhecimento, toda a minha crença na supremacia da ciência e das leis naturais eram contra a possibilidade de tais fenômenos.” Embora, quando jovem, tivesse feito experiências com o mesmerismo (hipnotismo), durante a primeira metade de sua vida Wallace concentrou-se em estudos menos palpáveis.

X A. R. Wallace nasceu no dia 8 de janeiro de 1823, em Usk, perto da fronteira Inglaterra-País de Gales. Seu interesse pela botânica foi despertado por H. W. Bates. Wallace tornou-se perito em colecionar, descrever e classificar escaravelhos. Ele e Bates visitaram a região do Amazonas em 1853 e

Darwin e Wallace

daí resultou o livro de Wallace *Travel on the Amazon and Rio Negro* [Viagem pelo Amazonas e Rio Negro] (Londres, 1953). Este foi seguido por seu trabalho, com encantadoras ilustrações à mão, *The Malay Archipelago* [O Arquipélago Malaio] (1869), baseado nas viagens feitas desde 1854 até 1862. Nada existe nesses escritos — baseados, afinal, em visitas a áreas com fortes tradições animistas — que mostrasse qualquer interesse pela adoração de ancestrais, reencarnação ou crenças afins. Mais tarde, Wallace escreveu: “Durante meus oito anos de viagens pelo Este, tomei conhecimento, ocasionalmente, através dos jornais, das estranhas realizações dos espiritualistas, na América e na Inglaterra, algumas das quais me pareceram demasiadamente selvagens e *outrées* * [exageradas] para ser outra coisa além de desvarios de um louco. Outras, porém, pareceram estar tão bem autenticadas que não pude entendê-las de modo algum, mas concluí, como a maioria das pessoas no princípio concluí, que tais coisas devem ser uma impostura ou, então, uma ilusão.”

Durante suas viagens nas ilhas daquela parte do mundo que hoje é conhecida como Indonésia Oriental, ele especificou a chamada “Linha Wallace”, habitada no Oeste pela fauna e pela flora comuns à Ásia Meridional (terra dos elefantes!) e no Leste pela fauna e pela flora da Austrália (terra dos cangurus!). Estas divisões apontam para uma ligação entre essas terras, em tempos pré-históricos. Em fevereiro de 1858, enquanto estava sofrendo de um ataque de febre em Ternate, nas Molucas, Wallace sentiu uma inspiração: “Ali, de súbito e como um relâmpago, veio-me a idéia da sobrevivência dos mais adaptados.” Enquanto tremia sob seus cobertores, ele desenvolveu sua teoria, escreveu um primeiro esboço naquela mesma noite e enviou-o para Darwin, no primeiro barco que partiu.

Com uma mistura de espanto, despeito e admiração, seu trabalho foi recebido por Darwin, que escreveu: “Eu nunca vi uma coincidência mais impressionante. Se Wallace estivesse de posse do meu manuscrito, escrito em 1842, ele não poderia ter feito um melhor extrato resumido! Até os seus termos agora aparecem como títulos dos meus capítulos.” O ensaio de Wallace foi lido, junto com um extrato das opiniões de Darwin, na *Linnean Society*, no dia 1.º de julho de 1858. Falando sobre

* Em francês, no texto.